

A Fábula dos Mortos-Vivos: Determinantes da Mortalidade Empresarial Presentes em Micro e Pequenas Empresas Ativas

FELIPE EMIDIO DE ARAÚJO

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DE RONDÔNIA (IESUR)

felipeemidio@outlook.com

FÁBIO ROGÉRIO DE MORAIS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI-SP

moraisfabiobh@gmail.com

EDGAR DE SOUZA PANDOLFI

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE (FAEMA)

edgarpandolfi@hotmail.com

A Fábula dos Mortos-Vivos: Determinantes da Mortalidade Empresarial Presentes em Micro e Pequenas Empresas Ativas

1 Introdução

A mortalidade organizacional é objeto de pesquisas a aproximadamente um século (ver Amankwah-Amoah, 2016; Carroll, 1983). Ao longo deste período, muitas contribuições foram geradas para diferentes tipos organizacionais, setores econômicos e áreas geográficas e culturais. Embora haja grande diversidade de pesquisas sobre este tema, somente a partir da década de 1980 que os estudos sobre a sobrevivência das Pequenas e Médias Empresas (MPE's) ganharam destaque na literatura organizacional (Escrivão Filho, Albuquerque, Nagano Junior, & Oliveira, 2017). No contexto brasileiro, o interesse sobre as causas da sobrevivência e da mortalidade das MPE's se deve a importância destas organizações para a economia regional, a participação no PIB (Produto Interno Bruto) e a contribuição com a melhor distribuição de rendas (Nascimento, Lima, Lima, & Ensslin, 2013; Silva, Tavares, & Dal-Soto, 2013), pois, mesmo em um cenário político-econômico instável, as MPE's continuam com forte representatividade na economia nacional.

Existem 16.534.031 empresas ativas no país e, deste total, 14.040.749 são de MPE's, que representam 84,92% das empresas ativas no Brasil (EMPRESÔMETRO-MPE, 2015). Contudo, o número de empresas que enceram suas atividades é crescente nos últimos anos e, somente em 2015, foram encerradas 464.350 empresas, número que confirma o aumento em 340,15% quando comparado com o ano de 2014 e em 341,44% em relação ao ano de 2013 (EMPRESÔMETRO-MPE, 2015). Desse modo, ainda que as MPE's possuam a flexibilidade e o dinamismo para se adaptarem às mudanças no ambiente e aos movimentos de mercado, os indicadores de mortalidade empresarial estão crescentes no Brasil (Bowen, Morara, & Mureithi, 2009; Santini, Favarin, Nogueira, Oliveira, & Ruppenthal, 2015; Segatto, Weise, Cipolat, Silveira, & Weber, 2012).

A importância social e econômica associada aos altos índices de mortalidade de MPE's tem motivado os pesquisadores brasileiros a concentrarem-se nos fatores que determinam a morte destas organizações (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012; Albuquerque, Escrivão Filho & Terence, 2016; Escrivão Filho, *et al.*, 2017). Embora esta não seja uma agenda de pesquisa exclusivamente brasileira (ver Escrivão Filho *et al.*, 2017), há esforços em desenvolver conhecimentos relevantes para a gestão de MPE's e para o desenvolvimento de programas governamentais (Morrison, Breen, & Ali, 2003) alinhados à superação das causas de mortalidade das PME's (Frese, Brantjes & Hoorn, 2002; Hall, 1994; Keeble & Walker, 1994; Lussier, 1996) e condizentes com a realidade nacional.

Frente ao exposto, esclarece-se que os significados atribuídos pela literatura à mortalidade empresarial são abrangentes (morte, falência, encerramento, solvência, interrupção, entre outros) (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012; Arasti, Zandi & Bahmani, 2014; Escrivão Filho *et al.*, 2017; Everett & Watson 1998) e isso dificulta a decodificação das razões que promovem a mortalidade das MPE's. Desse modo, ressalva-se que o objetivo deste estudo não é classificar os fatores determinantes da mortalidade de MPE's, mas fazer o recorte na literatura antecedente e delimitar as dimensões para esta pesquisa: fatores internos e externos que estejam relacionados ao empresário, à empresa e ao ambiente (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012; Albuquerque *et al.*, 2016; Arasti *et al.*, 2014; Bumgardner *et al.* 2011; Carter & Van Auken 2006; Escrivão Filho *et al.*, 2017; Machado & Espinha 2005; Rogoff, Lee, & Suh, 2004; Santini *et al.* 2015).

Estes fatores são decorrentes do agrupamento de um conjunto de variáveis que impactam na finalização das atividades das MPE's. Assim, este estudo assume que os fatores determinantes da mortalidade de MPE's são: **EMPREENDEDOR** (*e.g.* variáveis - nível de escolaridade, falta de planejamento/plano de negócio, falta de experiência gerencial) (Bowen *et al.*, 2009; Carter & Van

Auken 2006; Dutra & Previdelli, 2010; Machado & Espinha, 2005; Nascimento *et al.*, 2013); **EMPRESA** (e.g. variáveis - falta de capital de giro e ponto inadequado para o desenvolvimento das atividades, dificuldade de conquistar e manter clientes (Bowen *et al.*, 2009; Bumgardner *et al.*, 2011; Felipe, Ishisaki, & Krom, 2002; Ferreira, Oliva, Santos, Grisi, & Lima, 2012); e, **AMBIENTE** – (e.g. variáveis - inadimplência, concorrência, falta de linhas de créditos específicos para as MPE's, e outros) (Bonacim, Cunha, & Hamilton, 2009; Carter & Van Auken 2006).

Todavia, conforme proposto por Low e MacMillan (1988), nota-se que as determinantes da mortalidade se alinham às determinantes do sucesso empresarial: processos (empresas), contextos (ambiente) e resultados (gestão). Se por um lado as determinantes do sucesso e do fracasso empresarial se sobrepõem, por outro, pode-se afirmar que os resultados de sucesso ou de fracasso são decorrentes de níveis no desempenho das variáveis que compõem os fatores determinantes da mortalidade, pois se trata de um contínuo entre os dois polos: o sucesso ou o fracasso (Hall, 1994; Rogoff *et al.*, 2004). Esta proposição conduz às análises das determinantes do sucesso em empresas ativas (ver Ortigara, Grapeggia & Candido, 2011) e das determinantes da mortalidade em empresas inativas (ver Bonacim *et al.*, 2009; Nascimento *et al.*, 2013).

Embora seja coerente esta estrutura de planejamento de pesquisa, sabe-se que as empresas ativas também podem possuir níveis determinantes de mortalidade em algumas variáveis ou fatores, enquanto outras variáveis ou fatores possuem níveis determinantes do sucesso, em uma mesma MPE. No entanto, poucas pesquisas foram direcionadas para analisar a presença de determinantes da mortalidade em MPE's ativas e, quando realizadas, buscaram identificar quais eram os fatores presentes (Xavier, Carvalho, Silva, Rezende, & Longuinhas, 2009). Assim, o objetivo deste estudo é analisar a causa de MPE's que apresentam determinantes da mortalidade se manterem ativas. Este objetivo busca responder à questão central da pesquisa: **Se os fatores determinantes da mortalidade de MPE's estão presentes em empresas ativas, quais os motivos que as mantêm vivas (ativas) e estáveis?**

Essa questão é motivada por indicadores relevantes sobre o empreendedorismo nacional. O primeiro refere-se ao alto número de empresas criadas anualmente, especialmente as que são fundadas por necessidades do empreendedor (e.g. ficar desempregado e, por falta de oportunidades de recolocação no mercado, usar os recursos financeiros da rescisão contratual para abrir o próprio negócio) (GEM, 2013). São características do empreendedorismo brasileiro que geram riscos substanciais para o empreendedor, para o negócio e para o mercado. O segundo, refere-se ao contexto geográfico brasileiro. De acordo com o SEBRAE (2013), a região sudeste tem as maiores taxas de sobrevivência de empresas com até dois anos de atividade: indústria tem 83,2%, comércio 79,9%, construção 77,3% e serviço 75,7%. No entanto, a região norte do país tem os piores indicadores e apresenta as menores taxas de sobrevivência para todos os setores: 71,1% para a indústria, 74,4% para o comércio, 56,3% para a construção e 58,9% para serviços (SEBRAE, 2013). Portanto, é necessário entender melhor os níveis destas determinantes e desenvolver oportunidades de sucesso e minimizar as possibilidades de morte das MPE's, especialmente no empreendedorismo por necessidade e nas áreas geográficas com alta densidade de mortalidade.

A fim de responder o problema de pesquisa, este estudo está organizado da seguinte forma: (2) contextualização teórica e levantamento de hipóteses; (3) metodologia; (4) apresentação e análise de dados; (5) considerações finais.

2 Referencial Teórico

2.1 Fatores Determinantes da Mortalidade em MPE's

O recorte teórico adotado por este estudo tem enfoque nos desafios encontrados pelas MPE's para manterem-se ativas e, para isso, utiliza-se da definição de MPE adotada pela lei

complementar nº123, de 14 de dezembro de 2006, (Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas), excluindo-se desta análise as organizações que não se enquadram na classificação da lei (BRASIL, 2006). Neste contexto, alguns desafios são inerentes às atividades e aos resultados das MPE's, por exemplo, escassez de políticas de crédito, dificuldades em adaptação às inovações tecnológicas, falta de capital de giro, ausência de capacitação, falta de planejamento estratégico, inexistência de políticas de preço, produtos, propaganda e distribuição, a alta carga tributária, entre outros (Carter & Van Auken 2006; Dutra & Previdelli, 2010; Nascimento *et al.*, 2013).

De acordo com a literatura analisada sobre as causas da mortalidade das MPE's, são desafios para a gestão das MPE's e representam em risco de morte empresarial, decorrentes do **empreendedor**, da **empresa** e/ou do **ambiente** (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012; Hall, 1994; Lima *et al.*, 2009; Rogoff *et al.*, 2004). O empreendedor é quem possui a ousadia, a visão e a persistência, como agente de mudanças que assume os riscos intrínsecos ao negócio. A literatura também destaca que as principais características essenciais ao empresário são a criatividade, a liderança, a dedicação e o comprometimento em relação ao negócio. No entanto, estes comportamentos são baseados na racionalidade limitada do empreendedor e o insucesso das MPE's pode ocorrer devido a erros cometidos ao longo do ciclo de vida do empreendimento (Arasti *et al.*, 2014; Lussier, 1996). Isso pode ocorrer por falta de capacitação, má gestão dos recursos, falta de planejamento estratégico e por falta de conhecimento do mercado, como exemplo de algumas das intervenientes relevantes para a finalização das atividades da empresa (Arasti *et al.*, 2014; Bowen, *et al.*, 2009; Carter & Van Auken 2006; Frese, Brantjes & Hoorn, 2002; Nascimento *et al.*, 2013).

Há evidências de que o perfil do empreendedor está conectado a sua capacidade de inovação, de iniciativa, de visão de longo prazo, de absorver experiências e de persuasão (Arasti *et al.*, 2014; Dutra & Previdelli, 2010; Frese, Brantjes & Hoorn, 2002). São elementos vinculados ao tempo de vida da empresa e ao grau de habilidades e características comportamentais do empreendedor. Machado e Espinha (2005) afirmam que o fim das atividades das empresas ocorre devido às falhas do empreendedor se dá por duas forças caracterizadas por razões deliberadas, isto é, aquelas que não estão vinculadas diretamente ao fracasso do empreendedor (mudança de cidade, venda da empresa, problemas pessoais, etc.), e razões involuntárias, características do insucesso (falta de habilidade empreendedora, de experiência no segmento de atuação, nível educacional, falta de experiência gerencial, idade, tempo de dedicação ao trabalho, etc). De modo complementar, Ferreira *et al.*, (2012) afirmam que os motivos que contribuem para o fechamento das MPE's são a ausência de planejamento ou de plano de negócio, a falta de inovação no design ou desempenho dos produtos/serviços e o baixo nível de escolaridade dos empreendedores. São determinantes referentes ao fator empresário, mas identifica-se conexão com os atributos da própria empresa.

Assim, a responsabilidade pela mortalidade das MPE's não pode ser atribuída apenas aos empreendedores, porquanto a própria empresa pode ser responsável quando o conjunto de recursos organizacionais não é um diferencial competitivo e não produz o desempenho econômico interno (Albuquerque *et al.*, 2016; Arasti *et al.*, 2014; Carter & Van Auken 2006). Machado e Espinha (2005) e Albuquerque *et al.* (2016) explicam que a empresa, em suas funções organizacionais, pode contribuir para o fim das atividades empresariais. Machado e Espinha (2005) destacam as seguintes: (i) finanças - falta de planejamento, de controles financeiros e de capital de giro; (ii) marketing - ponto de venda inadequado, falta de previsão de vendas e inadequado atendimento ao cliente; (iii) produção - baixa qualidade de produtos/serviços, demora na entrega do produto, precariedade no controle de estoques; (iv) recursos humanos - falta de qualificação, ausência de treinamento, de avaliação de desempenho e de produtividade; e, uma função denominada estrutura organizacional – poder centralizado, falta de assessoramento, falta de informação gerencial, zelo com a imagem da empresa, etc. (P&D não é abordada como determinante da mortalidade).

Quando as áreas funcionais não conseguem assimilar adequadamente as responsabilidades inerentes às suas funções organizacionais, propicia o insucesso da empresa (Albuquerque *et al.*, 2016; Bumgardner *et al.*, 2011; Lussier, 1996). Destaca-se que as principais características do insucesso inerentes às responsabilidades da empresa nas MPE's são a falta de capital de giro, o ponto inadequado para atividade da empresa e os problemas financeiros (Bowen *et al.*, 2009; Carter & Van Auken 2006; Felipe *et al.*, 2002). Bonacim *et al.* (2009) e Ferreira *et al.* (2012) afirmam que a ausência de capital de giro, a escolha inadequada do ponto comercial, o controle de estoque, a baixa capacidade técnica produtiva e comercial e o baixo poder de fidelização do cliente, sistematizam os problemas financeiros gerais, além daqueles mais comuns como a falta de controle de caixa (entradas e saídas) e o desconhecimento do ciclo financeiro da empresa. Estas variáveis associadas são causas promotoras da mortalidade de MPE's, decorrentes de determinantes da própria organização. São informações que permitem inferir que é tênue a separação entre as determinantes de mortalidade das MPE's referentes ao empresário e à empresa, possivelmente por estarem relacionadas ao ambiente interno da organização.

Por outro lado, além das características atribuídas aos empreendedores e às empresas, o sucesso ou o insucesso das MPE's podem ser promovidos por condições do ambiente em que ela está inserida (Everett & Watson 1998). Neste estudo o ambiente é delimitado como o conjunto de elementos relacionados às características e condições externas, que podem produzir oportunidades e/ou ameaças e são capazes de alterar as atividades da empresa. Como exemplo, a escolha entre produzir dentro da organização ou recorrer ao mercado para reduzir custos e aumentar o diferencial competitivo, torna a decisão mais relevante e complexa ao incorporar dimensões do ambiente que são mais amplas do que a relação entre comprador e fornecedor.

Nascimento *et al.* (2013) ressaltam que as características do ambiente que podem influenciar na permanência das atividades das MPE's são: tributação elevada, em que a empresa deixa de honrar com outros compromissos para recolher os impostos; falta de mão de obra qualificada, quando há escassez no mercado; e, acesso ao crédito, haja vista que nas instituições financeiras existem poucos programas de créditos específicos para as MPE's. Bonacim *et al.* (2009) enfatizam que a inadimplência de clientes e a forte concorrência são elementos decisivos na gestão da vitalidade das MPE's. Há, ainda, outros fatores que corroboram o fechamento das empresas, como exemplo, taxas elevadas de juros e o comportamento da concorrência (Bonacim *et al.*, 2009; Everett & Watson 1998; Machado & Espinha, 2005; Nascimento *et al.*, 2013; Rogoff *et al.*, 2004). Portanto, são elementos que figuram na construção das hipóteses, de acordo com o conjunto de variáveis que compõem os fatores apresentados anteriormente.

2.2 Hipóteses

O sucesso e o fracasso das MPE's são partes de um contínuo entre dois polos de um mesmo conjunto de variáveis, apenas com diferenças nos níveis de desempenho na composição de cada um dos fatores: empresário, empresa e ambiente (Escrivão Filho *et al.*, 2017). Desse modo, os riscos de mortalidade empresarial nas MPE's são classificados em níveis alto, médio, baixo ou indefinido, porém, as diferenças são tênues entre os níveis de riscos existentes e entre a existência do risco e a percepção dos empreendedores (Simons, 1999; Lima, Filardi & Lopes, 2009), pois nem sempre os riscos existentes são percebidos pelos empresários. Pinheiro, Silva e Araújo (2013) afirmam que as características relacionadas ao indivíduo, à empresa e ao contexto alteram ou diferenciam os riscos que existem nas etapas do desenvolvimento empresarial (ciclo de vida).

Nesse contexto, há várias tensões entre os níveis de desempenho e a eficiência da gestão em todas as etapas do ciclo de vida das MPE's, considerados desafios contínuos (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012; Lima *et al.*, 2009). Por isso, identificar os níveis de desempenho dos fatores

de mortalidade em empresas ativas merece a atenção da literatura. Os estudos anteriores destacam que existem variáveis relevantes para a mortalidade ou para a sobrevivência empresarial e estas variáveis estão agrupadas na composição das cargas fatoriais (Pinheiro *et al.*, 2010; Santini *et al.*, 2015). Se estas variáveis estiverem correlacionadas no agrupamento dos fatores, pode ser um indicador de alta performance empresarial ou de desempenho crítico, em um estágio pré-morte.

Este estudo levanta uma proposição diferente para os fatores de mortalidade empresarial em empresas ativas. Observa-se que as variáveis componentes dos fatores empresário, empresa e ambiente possuem níveis diferentes de riscos para a mortalidade da MPE, como exemplo, o empresário pode ter baixa escolaridade e baixo domínio de ferramentas gerenciais, mas ter alta dedicação ao negócio e amplo relacionamento mercadológico. Estas diferentes características que compõem um mesmo fator certamente apresentará médias e cargas fatoriais diferentes, inexistindo igualdade de médias entre os grupos de variáveis, baixa correlação entre elas e, certamente, apresentará baixa comunalidade na composição fatorial. A confirmação estatística desta proposição empírica reforçará o entendimento de que **a presença de variáveis determinantes da mortalidade empresarial em empresas ativas e estáveis incorre em um sistema de compensação, na presença de uma variável com alto nível determinante da morte, haverá outra variável com alto nível determinante do sucesso** (Hipótese 1). Acredita-se que os fatores (empreendedor, empresa e ambiente) possuem fragilidades compensadas por variáveis positivas, potencialmente inibidoras da mortalidade empresarial em MPE's, pois nenhum fator, isoladamente, pode explicar a mortalidade precoce das pequenas empresas (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012).

Neste contexto, afirma-se que as empresas precisam seguir alguns passos para alcançar a longevidade. Dentre eles, é necessário a visão sistêmica do empreendedor, que pode não ter capacitação ou experiência no ramo de atuação, mas precisa enxergar a empresa como todo; é necessário buscar por forças de capacitação externa, pois a empresa pode fixar seu ponto de venda num local inadequado ou ter produtos e serviços de menor qualidade, porém, precisará manter um relacionamento sólido com fornecedores e demais envolvidos em suas operações, de forma a fidelizar seus clientes, conseguir produtos com maior qualidade e melhor preço e fazer com que os seus colaboradores trabalhem pela sobrevivência da empresa (clientes, fornecedores e empregados); e, ainda, deve haver a preocupação e o reconhecimento das causas latentes da crise para a correção, já que em um ambiente onde as crises são constantes, saber os motivos que as desencadearam, torna-se preponderante para o sucesso organizacional.

Assim, as empresas podem passar por crises, ter seus produtos e/ou serviços com menor qualidade ou ter o empreendedor com pouca capacitação, desde que todas estas determinantes não estejam concentradas no nível mais baixo, será possível os ajustes gerenciais corretivos que poderão prolongar o tempo de vida da MPE, pois a existência de um fator de mortalidade empresarial não seria capaz de levar uma organização a fechar suas portas (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012; Sales, Barros, & Pereira, 2011). Para isso, há a necessidade de um conjunto de variáveis determinante da mortalidade empresarial ou a hegemonia deles para inviabilizar a manutenção do negócio. Isso reforça a proposição de que, se há um sistema **de compensação entre as variáveis que compõem os fatores de mortalidade em empresas ativas e estáveis, isso é determinante para a sobrevivência da empresa** (H2 - Hipótese 2). Isto é, quando as variáveis determinantes da mortalidade das MPE's não se concentram em um único nível (baixo), a dispersão do nível de performance gera maior capacidade de sobrevivência e a possibilidade de correção das não conformidades ao longo do ciclo de vida do negócio, pois estas variáveis são interdependentes e contribuem para o sucesso ou o insucesso empresarial (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012).

3 Metodologia

A abordagem deste estudo é quantitativa (McClave, Benson, & Sincich, 2009), com tipologia explicativa (Fávero, Belfiori, Silva, & Chan 2009), onde o objetivo central foi identificar as determinantes de mortalidades em MPE's ativas e explicar as possíveis causas de sobrevivência. No levantamento teórico foi possível identificar que a presença de determinantes da mortalidade em empresas ativas se organiza em um sistema de compensação, desse modo, após o levantamento teórico das determinantes da mortalidade empresarial, aplicou-se a pesquisa de campo para o levantamento de dados empíricos para o teste das hipóteses (Marconi & Lakatos, 2005). O instrumento de coleta de dados utilizado foi a escala Likert de 7 pontos (Likert, 1932), entregues, por um dos pesquisadores, diretamente aos proprietários de 130 MPE's situadas em um município da região norte do Brasil. Deste total, houve retorno de 94 MPE's com a resposta do formulário de pesquisa (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009). Antes desta coleta final foram feitos dois pré-testes com respostas de 30 MPE's em cada pré-teste, cuja finalidade foi o ajuste e a adequação da escala e a validação da compreensão dos constructos pelos pesquisados.

A amostra foi definida com base em população amostral finita, pois no período da coleta de dados haviam 8.545 empresas ativas no município pesquisado (EMPRESÔMETRO, 2015). Antecipadamente considerou que nem todas as empresas pesquisadas devolveriam o instrumento de coleta de dados respondido, por isso o número de envios superior a amostra calculada.

$$n = \frac{Z^2 \times P \times Q \times N}{e^2 \times (N-1) + Z^2 \times P \times Q}$$

Onde: Z = Nível de Confiança; P = Quantidade de Respostas Esperadas (%); Q = Quantidade de Erro no retorno das respostas (%); N = População Total; e = Nível de Precisão (%). Assim, para a população de 8.545 empresas ativas a amostra calculada foi de 72 empresas com Z de 95% e P de 95%. Destaca-se que a amostra utilizada foi superior a amostra calculada.

Para testar a hipótese 1 foram feitos os testes de comparação de médias entre as variáveis componentes de cada fator (Grupo 1- Empreendedor; Grupo 2 - Empresa; Grupo 3 - Ambiente). Em seguida, utilizou-se da Análise Fatorial Confirmatória (AFC). De acordo com Fávero *et al.* (2009) e Hair *et al.* (2009), esta análise busca representar um conjunto de variáveis altamente correlacionadas (as determinantes da mortalidade empresarial) em fatores (empresário, empresa e ambiente) que, com a redução das variáveis por meio de fatores, darão maiores condições de análise das informações aos pesquisadores. Neste caso, o objetivo da AFC foi de confirmar o agrupamento das variáveis conforme exposto pela literatura que aborda estes fatores em empresas inativas, pois do contrário haveria confirmação da hipótese 1, uma vez que a variação na comunalidade pode ser parte da explicação para a compensação entre as variáveis.

Por fim, foi realizado a análise de regressão com nível de confiança de 95% (*p value* < 0,05) (Hair *et al.*, 2009) para as determinantes que influenciam a sobrevivência empresarial de MPE's ativas e com determinantes da mortalidade presentes (níveis). O tratamento dos dados foi realizado por meio do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS versão 22.0) e no *Microsoft Excel* 2013. A amostra não apresentou problema na filtragem de dados e *outliers* que pudessem representar indícios de viés na coleta dos dados e comprometer os resultados das análises.

4 Apresentação e Análise Dos Dados

A análise dos dados foi dividida em três etapas. O objetivo da primeira etapa foi verificar se haviam condições estatísticas para aceitar ou refutar a igualdade de médias entre as variáveis

determinante da mortalidade empresarial em MPE's. Os resultados apresentados a seguir demonstram que para os grupos de variáveis analisadas deve-se rejeitar a igualdade das médias em variação, pois a análise de p value ($< 0,05$) e o f -crítico, mostram que as variâncias das médias não são iguais, portanto rejeita-se a hipótese de igualdade das médias. Este teste foi realizado para analisar se as variáveis em estudo possuem o mesmo nível de avaliação (desempenho) percebido e explicado pelas empresas participantes da coleta de dados. Caso as médias fossem iguais, refutar-se-ia de imediato o efeito de dispersão no desempenho das variáveis analisadas (hipótese 1).

Tabela 1: Anova fator único (GRUPO 1 – Fator Empreendedor)

<i>Grupos</i>	<i>Contagem</i>	<i>Soma</i>	<i>Média</i>	<i>Variância</i>		
EMPREENDEDOR 1	94	373	3,968085106	5,708647907		
EMPREENDEDOR 2	94	533	5,670212766	1,191146191		
EMPREENDEDOR 3	94	604	6,425531915	0,892244338		
EMPREENDEDOR 4	94	293	3,117021277	6,061427591		
EMPREENDEDOR 5	94	422	4,489361702	4,897735072		
EMPREENDEDOR 6	94	452	4,808510638	4,048959048		
EMPREENDEDOR 7	94	475	5,053191489	4,416495081		
EMPREENDEDOR 8	94	559	5,946808511	1,341226264		
EMPREENDEDOR 9	94	524	5,574468085	1,128803477		
<i>Fonte de variação</i>	<i>SQ</i>	<i>GI</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor P</i>	<i>F crítico</i>
Entre grupos	810,108747	8	101,2635934	30,6997006	2,55376E-42	1,94944794
Dentro de grupos	2760,861702	837	3,298520552			
Total	3570,970449	845				

FONTE: Dados da Pesquisa

A tabela 1 mostra que as variáveis componentes do fator empreendedor apresentaram p value $> 0,05$ e F crítica de 1,94944794, isso significa que para F de 30,6997006, deve-se aceitar a hipótese de que as médias não são iguais.

Tabela 2: Anova fator único (GRUPO 2 – Fator Empresa)

<i>Grupos</i>	<i>Contagem</i>	<i>Soma</i>	<i>Média</i>	<i>Variância</i>		
EMPRESA 1	94	393	4,180851064	6,837908945		
EMPRESA 2	94	479	5,095744681	3,700411805		
EMPRESA 3	94	620	6,595744681	0,630519332		
EMPRESA 4	94	529	5,627659574	1,956646076		
EMPRESA 5	94	554	5,893617021	2,031571723		
EMPRESA 6	94	559	5,946808511	0,803591855		
EMPRESA 7	94	564	6	1,462365591		
EMPRESA 8	94	576	6,127659574	0,886753603		
EMPRESA 9	94	530	5,638297872	1,158087394		
EMPRESA 10	94	405	4,308510638	4,559711736		
<i>Fonte de variação</i>	<i>SQ</i>	<i>GI</i>	<i>MQ</i>	<i>F</i>	<i>valor P</i>	<i>F crítico</i>
Entre grupos	520,8180851	9	57,86867612	24,08428351	2,81661E-37	1,88993079
Dentro de grupos	2234,56383	930	2,402756806			
Total	2755,381915	939				

FONTE: Dados da Pesquisa

A tabela 2 destaca que as variáveis componentes do fator empresa também apresentaram p value $> 0,05$ e F crítica de 1,88993079, o que significa que para F de 24,08428351, também deve-se aceitar a hipótese de que médias não são iguais.

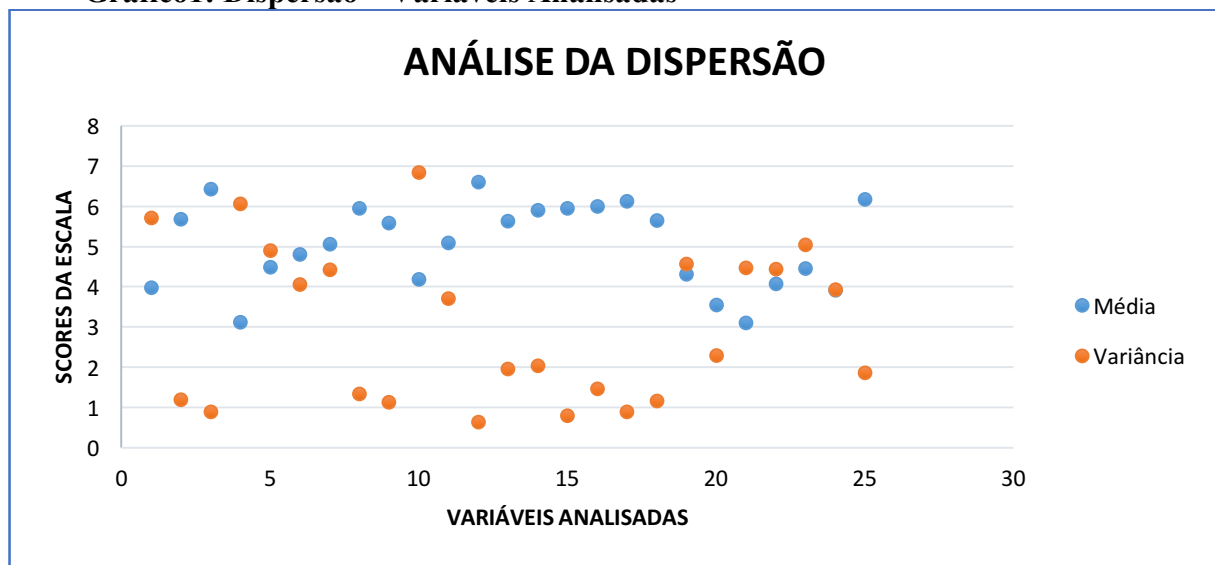
Tabela 3: Anova fator único (GRUPO 3 – Fator Ambiente)

Grupos	Contagem	Soma	Média	Variância		
AMBIENTE 1	94	333	3,542553191	2,29386868		
AMBIENTE 2	94	291	3,095744681	4,474605353		
AMBIENTE 3	94	383	4,074468085	4,43525509		
AMBIENTE 4	94	418	4,446808511	5,045527339		
AMBIENTE 5	94	368	3,914893617	3,928162892		
AMBIENTE 6	94	580	6,170212766	1,863189202		
Fonte de variação	SQ	GL	MQ	F	valor P	F crítico
Entre grupos	534,9521277	5	106,9904255	29,12544595	2,7087E-26	2,230170484
Dentro de grupos	2049,776596	558	3,673434759			
Total	2584,728723	563				

FONTE: Dados da Pesquisa

Do mesmo modo, as variáveis componentes do fator empresa também apresentaram $p\ value > 0,05$ e $F_{crítico}$ de 2,230170484, o que significa que para F de 29,12544595, deve-se aceitar a hipótese de que as médias não são iguais (tabela 3).

Gráfico1: Dispersão – Variáveis Analisadas



FONTE: Dados da Pesquisa

Pode-se afirmar que as variáveis componentes dos fatores possuem níveis de desempenho diferentes. Por isso, a seguir utiliza-se da análise fatorial para confirmar ou refutar as proposições encontradas em estudos anteriores, que apontam para hegemonia de três fatores determinantes da mortalidade: empreendedor, empresa e ambiente (Bonacim *et al.*, 2009; Dutra & Previdelli, 2010; Felipe *et al.*, 2002; Ferreira *et al.*, 2012; Machado & Espinha, 2005; Nascimento *et al.*, 2013). Segundo a teoria, o agrupamento fatorial se processa em empresas inativas, porém, esta pesquisa busca demonstrar que as determinantes da mortalidade empresarial não apresentam a mesma configuração em MPE's ativas, pois há evidências de que a dispersão no nível de desempenho das variáveis e produzirá outra configuração fatorial como resultado da compensação (alto, médio e baixo). Como exemplo, as empresas ativas que possuem baixo nível de capital de giro podem compensar esta limitação com alto nível de relacionamento com fornecedores.

O tratamento dos dados com a AFC teve como objetivo reduzir e agrupar as 26 variáveis listadas na escala de coleta de dados e confirmar o agrupamento e o grau de correlação entre elas (Hair *et al.*, 2009; Fávero *et al.*, 2009). A justificativa para o uso da AFC na análise de dados é apenas confirmatória para a proposição teórica de agrupamento dos três fatores (**empreendedor**, **empresa** e **ambiente**), onde refutar-se-ia a hipótese de dispersão compensatória entre as determinantes de mortalidade empresarial caso houvesse o mesmo agrupamento na análise empírica. Assim, a adequação do modelo se dá por meio da análise da variância explicada por cada fator agrupado; o teste de *Kaiser* - KMO, em que são mantidos apenas os fatores com autovalor λ maior ou igual a 1, onde permanecem no modelo apenas dimensões que representam pelo menos a informação de variância da variável original (Hair *et al.*, 2009); e as correlações de cada variável explicada. Logo, quanto maior a comunalidade, maior será o poder de explicação do fator por aquela variável (Hair *et al.*, 2009; Fávero *et al.*, 2009). Portanto, após a realização da AFC, verifica-se na tabela 1 que o modelo final obtido apresentou oito fatores com autovalores que os qualificam como significativos ($\lambda > 1$) e aproximadamente 63% da variância total é explicada.

Tabela 4: Modelo fatorial ajustado sob estimação de componentes principais

Fatores	Autovalores (λ)	Variância explicada (%)	Variância explicada acumulada (%)
1	4,950	19,80	19,80
2	2,564	10,25	30,05
3	1,882	7,53	37,58
4	1,541	6,17	43,75
5	1,515	6,06	49,81
6	1,258	5,03	54,84
7	1,179	4,72	59,56
8	1,106	4,42	63,98

FONTE: Dados da pesquisa

A análise de redução dos fatores mostra diferenças entre a pesquisa empírica e a teoria que destaca as determinantes de mortalidade em MPE's inativas. Na AFC, verifica-se que o valor para o teste de esfericidade de *Bartlett* apresenta-se satisfatório, 2,3459E-20, isto é $> 0,05$, e o critério KMO tem um índice razoável para as correlações, 0,674, dentro de parâmetros aceitáveis, ou seja, $< 0,6$ (Fávero *et al.*, 2009). No entanto, a configuração dos fatores confronta a teoria sobre as determinantes de mortalidade em MPE's quando analisadas às empresas ativas. As variáveis deveriam ser agrupadas nos fatores empreendedor, empresa e ambiente, porém, a hipótese deste estudo é que, como as empresas estão ativas, haveria dispersão como uma medida compensatória, diferente da concentração que ocorre nas empresas inativas.

Tabela 5: Configuração dos fatores em função dos itens presentes no questionário

	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Fator 5	Fator 6	Fator 7	Fator 8
Itens da Escala	AMB6	EMP8	EMP1	EMP4	AMB5	AMB2	EMP7	EMP5
	EMPRE3	EMPR6	EMPRE2	EMPRE1	AMB4	AMB3	-	EMP5
	EMP3	EMPR9	-	-	-	-	-	-

FONTE: Dados da pesquisa

Legenda: AMB: variáveis do fator "AMBIENTE"; EMP: variáveis do fator "EMPREENDEDOR"; EMPRE: variáveis do fator "EMPRESA".

Como verifica-se na tabela 5, não houve concentração em apenas três, como sugerido pela teoria que aborda as determinantes da mortalidade empresarial em empresas inativas. Houve a

dispersão das variáveis entre os fatores e o surgimento de fatores adicionais, que possibilita inferir sobre a ausência de correlação entre as variáveis e justifica a diferença nas determinantes da mortalidade empresarial em empresas vivas. Mesmo com o ajuste do modelo, os autovalores encontrados para as cargas fatoriais e a comunalidades dentro de cada fator são elementos que sugerem que as variáveis exploradas não explicam as mesmas determinantes.

Tabela 6: Composição final dos fatores

	Componentes do fator	Carga fatorial	Comunalidades	Alfa de Cronbach (α)
Fator 1	Relacionamento com fornecedor	,758	0,698	,703
	Imagem da empresa	,737	0,590	,706
	Dedicação do empreendedor	,543	0,627	,705
Fator 2	Experiência do empreendedor	,705	0,679	,702
	Comercial da empresa	,703	0,539	,702
	Qualidade da mão-de-obra interna	,582	0,598	,705
Fator 3	Plano de negócio	,820	0,723	,682
	Planejamento financeiro	,751	0,774	,672
Fator 4	Assessoria e consultoria externa	,818	0,700	,684
	Sistema de Informação Gerencial	,634	0,527	,711
Fator 5	Concorrência	,795	0,719	,705
	Inadimplência	,703	0,592	,720
Fator 6	Impacto da tributação	,695	0,569	,715
	Crédito bancário	,662	0,532	,699
Fator 7	Visão de longo prazo	,733	0,736	,701
	Decisão (des)centralizada	,781	0,775	,724
Fator 8	Localização da empresa	,617	0,653	,710

FONTE: Dados da pesquisa

Desse modo, pode-se afirmar que a amostra é condizente com a teoria (Hair *et al.*, 2009) e que a teoria sobre fatores determinantes da mortalidade de MPE's em empresas ativas não teve o agrupamento fatorial sugerido por pesquisas realizadas em empresas inativas (Bonacim *et al.*, 2009; Dutra & Previdelli, 2010; Felipe *et al.*, 2002; Ferreira *et al.*, 2012; Machado & Espinha, 2005; Nascimento *et al.*, 2013). Constata-se a diferença nas médias entre grupos e a dispersão das variáveis entre fatores não identificados pela teoria. As informações geradas com a análise estatística a partir da amostra pesquisada demonstram a composição fatorial irregular ao confrontar com a teoria, mesmo com os vários testes em níveis aceitáveis – *KMO*, *Bartlett*, comunalidade e carga fatorial.

A confirmação estatística desta proposição empírica reforça o entendimento de que a **presença de variáveis determinantes da mortalidade empresarial em empresas ativas e estáveis incorre em um sistema de compensação, na presença de uma variável com alto nível determinante da morte, haverá a compensação por outra variável com alto desempenho determinante do sucesso** (H1 – Hipótese 1). Ratifica-se a proposição de que as determinantes da mortalidade empresarial, quando localizadas em empresas ativas e estáveis, tem as fragilidades compensadas por características positivas, consideradas determinantes do sucesso, potencialmente inibidoras da mortalidade empresarial em MPE's (níveis).

Por último, para uma medida confirmatória analisou-se os indicadores de mortalidade, por meio da regressão linear, associados ao índice geral de sucesso da MPE ($X F_1, F_2 \dots F_n / XG$), onde X é a média ponderada do fator apontado pela teoria e extraído pela escala aplicadas aos gestores e XG é a média geral ponderada do \sum dos fatores. Para a regressão utilizou-se do método *stepwise*, com a finalidade de ajustar o grupo de variáveis com melhor capacidade de explicação

ao definir o modelo. Foram identificados cinco modelos com agrupamento de variáveis capazes de explicar os elementos mensurados nos fatores determinantes da mortalidade em empresas vivas, cuja extração dos dados é representada a seguir (Tabela 7).

Tabela 7: Coeficientes da Regressão Linear

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	95,0% Intervalo de Confiança para B		
	B	Erro Padrão	Beta			Limite inferior	Limite superior	
1	(Constante)	15,143	1,750		8,653	,000	11,651	18,635
	EMP6	1,505	,336	,477	4,480	,000	,835	2,175
2	(Constante)	6,741	2,451		2,750	,008	1,849	11,632
	EMP6	1,741	,302	,552	5,757	,000	1,137	2,344
	EMP7	1,367	,309	,425	4,428	,000	,751	1,983
3	(Constante)	5,664	2,260		2,506	,015	1,152	10,177
	EMP6	1,580	,280	,501	5,645	,000	1,021	2,139
	EMP7	1,214	,285	,377	4,257	,000	,645	1,784
	EMP4	,814	,217	,330	3,751	,000	,381	1,247
4	(Constante)	-4,502	6,607		-,681	,498	-17,738	8,735
	EMP6	1,256	,304	,398	4,128	,000	,646	1,865
	EMP7	1,044	,291	,324	3,583	,001	,460	1,628
	EMP4	,455	,238	,185	1,912	,061	-,022	,933
	EMPR1	,613	,217	,265	2,828	,006	,179	1,047
	EMPR2	,380	,366	,113	1,038	,304	-,353	1,113
	EMPR3	-,928	,721	-,112	-1,287	,203	-2,373	,517
	EMPR4	1,331	,475	,266	2,803	,007	,380	2,282
	EMPR5	,333	,389	,076	,855	,396	-,447	1,112
	EMPR6	-,569	,622	-,082	-,915	,364	-1,815	,677
	EMPR7	,172	,574	,030	,299	,766	-,979	1,323
	EMPR8	,504	,693	,064	,726	,471	-,886	1,893
EMPR9	,731	,579	,125	1,263	,212	-,429	1,892	
EMPR10	,125	,305	,040	,411	,683	-,485	,736	
5	(Constante)	-18,486	2,278		-8,116	,000	-23,061	-13,911
	EMP6	,682	,098	,216	6,988	,000	,486	,878
	EMP7	,522	,098	,162	5,305	,000	,324	,719
	EMP4	,442	,078	,179	5,657	,000	,285	,599
	EMPR1	,346	,073	,150	4,749	,000	,200	,492
	EMPR2	,299	,114	,089	2,625	,011	,070	,527
	EMPR3	,292	,233	,035	1,255	,215	-,175	,760
	EMPR4	,215	,159	,043	1,351	,183	-,104	,533
	EMPR5	,169	,125	,039	1,350	,183	-,082	,421
	EMPR6	,141	,201	,020	,702	,486	-,263	,545
	EMPR7	,451	,185	,080	2,442	,018	,080	,821
	EMPR8	,406	,228	,052	1,777	,082	-,053	,865
	EMPR9	,089	,202	,015	,441	,661	-,317	,495
	EMPR10	,304	,096	,098	3,160	,003	,111	,498
	AMB1	,713	,141	,172	5,053	,000	,429	,996
	AMB2	,725	,079	,246	9,218	,000	,567	,883
	AMB3	,773	,086	,258	9,015	,000	,601	,946
AMB4	,702	,080	,257	8,783	,000	,542	,863	
AMB5	,609	,092	,189	6,602	,000	,424	,795	
AMB6	,648	,216	,088	2,999	,004	,214	1,083	

a Variável Dependente: IGS

FONTE: Dados da pesquisa

Desse modo, destacam-se dois aspectos sobre os modelos: o primeiro é que o modelo três tem a capacidade de explicação em 48,5% (R^2 *adjusted*) da capacidade de sobrevivência das MPE's da amostra, com 95% de confiança e $sig. < 0,05$, com apenas três variáveis do fator Empreendedor, enquanto o modelo cinco explica em 96,2% (R^2 *adjusted*) a capacidade de sobrevivência das MPE's da amostra, com 95% de confiança e $sig. < 0,05$, mas utiliza-se de 19 variáveis das 26 avaliadas, componentes dos três fatores. Portanto, confirma-se que o sistema **de compensação entre as variáveis que compõem os fatores de mortalidade em empresas ativas e estáveis, é determinante para a sobrevivência da empresa**, mesmo com poucas variáveis de um único fator tendo alta capacidade de resposta no modelo ajustado, justifica 48,5% da capacidade de sobrevivência segundo Índice Geral de Sobrevivência (IGS) na amostra pesquisada.

Tabela 8: Regressão Linear

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Estatísticas de mudança			
					Alteração de R quadrado	Alteração F	df1	Sig. Alteração F
1	,477a	,228	,217	5,49855	,228	20,071	1	,000
2	,635b	,403	,385	4,87226	,175	19,605	1	,000
3	,712c	,508	,485	4,45694	,105	14,069	1	,000
4	,815d	,664	,586	3,99837	,156	2,601	10	,011
5	,986e	,972	,962	1,21793	,308	92,257	6	,000

FONTE: Dados da pesquisa

Assume-se, nesta amostra, que as variáveis referentes ao fator empreendedor é o mais relevante para a sobrevivência de MPE's estudadas (níveis de desempenho). Em uma perspectiva regional a amostra permite inferir que o modelo explicativo do Índice Geral de Sobrevivência (IGS) das MPE's ativas tem melhor compensação na relação entre os determinantes da mortalidade ou do sucesso empresarial (níveis) por variáveis inerentes ao empreendedor. Isto é, as três variáveis com maior capacidade de explicação da sobrevivência destas MPE's são referentes ao uso de informações gerenciais, visão de longo prazo e o grau de conhecimento do mercado e do segmento de negócio, pelo gestor. Conclui-se, de acordo com a amostra pesquisada, que **na presença de variáveis determinantes da mortalidade empresarial em empresas ativas e estáveis há um sistema de compensação, na presença de uma variável com alto nível determinante da morte, haverá outra variável com alto desempenho determinante do sucesso. Por isso, o sistema de compensação entre as variáveis com alto nível de insucesso e alto nível de sucesso são determinantes para a longevidade de empresa das MPE's.**

5 Considerações Finais

O Brasil possui índices elevados de mortalidade empresarial, especialmente aqueles referentes às MPE's. Os indicadores elevados de mortalidade empresarial refletem em custos financeiros, emocionais e sociais para os empreendedores e para a sociedade. Portanto, este estudo tem como pretensão promover avanços na compreensão sobre os fatores que determinam a mortalidade empresarial, sob a perspectiva das MPE's ativas, que acredita-se ser necessário os avanços gerencial e acadêmico. Para isso, a pesquisa analisou a bibliografia referente as causas da mortalidade empresarial e foram identificados os fatores determinantes da mortalidade empresarial em MPE's. De forma geral, identificou-se que os estudos que abordam as determinantes da mortalidade empresarial em MPE's o fazem em um estágio *ex post*, quando as empresas já estão inativas. Esta pesquisa teve um olhar diferente sob o mesmo prisma, ao identificar as determinantes

da mortalidade em empresas ativas e compreender a causa da manutenção das atividades mesmo em condições adversas à sobrevivência empresarial.

Após a revisão da literatura, fez o levantamento de dados empíricos em 94 MPE's e verificou-se que, em empresas ativas, há dispersão das variáveis determinantes da mortalidade empresarial por nível de desempenho, diferente da teoria que aborda as causas da mortalidade em empresas inativas, que concentram as variáveis em fatores determinantes da morte (empreendedor, empresa e ambiente). Identificou-se, ainda, que as determinantes da mortalidade empresarial em empresas ativas possuem um sistema de compensação, onde o baixo nível de desempenho de uma determinante pode ser superado por o alto nível de desempenho em outra variável. Este estudo identifica que o sucesso e o fracasso das MPE's são parte de um contínuo, no conjunto de variáveis que determinam a sua existência. A ênfase da análise centra-se no modo como os níveis condutores dos fatores de mortalidade ou de sucesso devem ser considerados para fornecer as evidências de direção ao pequeno empresário ou ao gestor de MPE's.

Os resultados da pesquisa reforçam o debate sobre a eficácia dos esforços na gestão das MPE's, a fim de que profissionais e pesquisadores melhorem a avaliação sobre os indicadores de mortalidades em MPE's ativas, especialmente no embate contra o surgimento de determinantes da mortalidade empresarial. Observa-se, ainda, que por natureza, estas determinantes existem nas MPE's, mas o que as diferem nas MPE's ativas das não ativas é apenas o nível de capacidade da gestão em variações inerentes as atividades que compõem o desempenho dos fatores empreendedor, empresa e ambiente. Portanto, as determinantes do sucesso ou mortalidade empresarial são necessárias e existentes nos diferentes estágios do ciclo de vida da empresa, pois a melhoria no nível de performance em todas as funções organizacionais é o que diferencia o sucesso do fracasso (Albuquerque & Escrivão Filho, 2012; Arasti *et al.*, 2014; Bumgardner *et al.*, 2011). Quanto maior o nível de competência do empreendedor e da empresa e um ambiente de mercado menos instável, melhores são as oportunidades de sobrevivência ou de crescimento. Por outro lado, se o ambiente é instável e o desempenho do empreendedor e da empresa forem ruins, será difícil neutralizar os riscos determinantes da finalização da atividade empresarial.

Por fim, diante do cenário teórico-empírico deste estudo, pode-se afirmar que a importância das MPE's para a sociedade brasileira não segue os mesmos percentuais de efetividade na sobrevivência organizacional, por isso, acredita-se que esta pesquisa foi capaz de identificar um dos pontos críticos para a gestão de MPE's, pois é possível antecipar-se às fragilidades de determinada dimensão deficitária e produzir estratégias “terapêuticas” que promovam a vitalidade da organização. Acredita-se que a principal contribuição deste estudo é a indicação de relação entre os fatores de mortalidade empresarial e o sistema de compensação pelo nível de desempenho das determinantes do sucesso em MPE's ativas. Isso evidencia a importância de mudar a forma de analisar os fatores de mortalidade ao longo dos estágios do ciclo de vida das MPE's, especialmente quando o objetivo é a manutenção da vitalidade da empresa. Portanto, os resultados empíricos deste trabalho oferecem novos *insights* sobre os fatores determinantes da mortalidade de MPE's e potenciais caminhos para estudos futuros.

Propõem-se, aos estudos futuros, a análise comparativa de dados de empresas ativas e inativas, a fim de confirmar a efetividade do sistema de compensação. Enfatiza-se, ainda, o critério de regionalidade deste estudo (um único município), pois sabe-se que esta é uma limitação da pesquisa, mas, sua aplicação em outras regiões do país, pode ser uma oportunidade de pesquisa futura, cujo objetivo será confirmar a validade de generalizações. Além disso, outros elementos teóricos, como os conceitos de economia de proximidade podem ser incorporados à análise, a fim de dimensionar os efeitos da economia regional na performance (nível), dispersão e compensação das determinantes do sucesso e do fracasso das MPE's.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, A. F., & Escrivão Filho, E. (2012). Fatores de mortalidade de pequenas empresas. *EGEPE Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1797-1815.
- Albuquerque, A. F., Escrivão Filho, E., & Terence, A. C. F. (2016). Aspectos funcionais associados à mortalidade da pequena empresa: fatores relevantes de operações, finanças e marketing no varejo de vestuário. *EGEPE–Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9, 1-16.
- Amankwah-Amoah, J. (2016). An integrative process model of organisational failure. *Journal of Business Research*, 69(9).
- Arasti, Z., Zandi, F., & Bahmani, N. (2014). Business failure factors in Iranian SMEs: Do successful and unsuccessful entrepreneurs have different viewpoints? *J Global Entrep Res*, 4(1).
- Bonacim, C. A. G., da Cunha, J. A. C., & Hamilton, L. C. (2009). Mortalidade dos empreendimentos de micro e pequenas empresas: causas e aprendizagem. *Gestão & Regionalidade*, 25(74).
- Bowen, M., Morara, M., & Mureithi, M. (2009). Management of business challenges among small and micro enterprises in Nairobi-Kenya. *KCA Journal of Business Management*, 2(1).
- BRASIL. Lei Complementar no 123, de 14/12/2006. Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte.
- Bumgardner, M., et al. (2011). Competitive actions of small firms in a declining market. *J Small Bus Manag*, 49(4), 578–598.
- Carroll, G. R. (1983). A stochastic model of organizational mortality: Review and reanalysis. *Social Science Research*, 12(4), 303-329.
- Carter, R., & Van Auken, H. (2006). Small firm bankruptcy. *J Small Bus Manag*, 44(4), 493–512.
- Dutra, I. S., & Previdelli, J. J. (2010). Fatores condicionantes da mortalidade de empresas: um estudo dos empreendedores de micro e pequenas empresas paranaenses. *Revista Capital Científico*, 3(1), 29-50.
- EMPRESÔMETRO MPE: Disponível em <<http://empresometro.cnc.org.br/Estatisticas>>. Recuperado em 04 de dezembro de 2015, de <https://www.empresometro.com.br>.
- Escrivão Filho, E., Albuquerque, A. F., Nagano, M. S., Junior, L. A. P., & de Oliveira, J. (2017). Identifying SME mortality factors in the life cycle stages: an empirical approach of relevant factors for small business owner-managers in Brazil. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 7(1).
- Everett, J., & Watson, J. (1998). Small business failure and external risk factors. *Small Bus Econ*, 11(4), 371–390.
- Fávero, L. P; Belfiore, P; Silva, F. L; Chan, B. L. (2009). *Modelagem multivariada para tomada de decisões*. São Paulo: Editora Campus. p. 544
- Felippe, M. C., Ishisaki, N., & Krom, V. (2002). Fatores condicionantes da mortalidade das pequenas e médias empresas na cidade de São José dos Campos. SemeAd-USP, São Paulo.
- Ferreira, L. F. F., Oliva, F. L., Santos, S. D., Grisi, C. D. H., & Lima, A. C. (2012). Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. *Gestão & Produção*, 19(4), 811-823.
- Frese, M., Brantjes, A., & Hoorn, R. (2002). Psychological success factors of small scale businesses in Namibia: the roles of strategy process, entrepreneurial orientation and the environment. *J Dev Entrep*, 7(3), 259–282.
- GEM - *Global Entrepreneurship Monitor*: Empreendedorismo no Brasil. Relatório Executivo 2013. Curitiba: IBQP.

- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.
- Hall, G. (1994). Factors distinguishing survivors from failures amongst small firms in the UK construction sector. *J Manag Stud*, 31(5), 737–760.
- Keeble, D., & Walker, S. (1994). New firms, small firms and dead firms – spatial patterns and determinants in the United-Kingdom. *Reg Stud*, 28(4), 411–427.
- Likert, R. (1932) A technique for the measurement of attitudes. *Archives of psychology*.
- Lima, M. V. A., Filardi, L. F. & Lopes, A. L. M. (2009) Avaliação multicritério do risco percebido dos fatores contribuintes para a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas no Brasil. Simpósio De Administração Da Produção, Logística E Operações Internacionais–SIMPOI.
- Low, M. B., & MacMillan, I. C. (1988). Entrepreneurship: Past research and future challenges. *Journal of management*, 14(2), 139-161.
- Lussier, R. N. (1996). Reasons why small businesses fail: and how to avoid failure. *J Small Bus Manag*, 1(2), 10–17.
- Machado, H. P. V., & Espinha, P. G. (2005). Reflexões sobre as dimensões do fracasso e mortalidade de pequenas empresas. *Revista Capital Científico*, 3(1), 51-64.
- McClave J. T., Benson P. G. & Sincich T. (2009). *Estatística para administração e economia*, 10^o ed., São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Morrison, A., Breen, J., & Ali, S. (2003). Small business growth: intention, ability e opportunity. *J Small Bus Manag*, 41(4), 417–425.
- Nascimento, M., de Lima, C. R. M., de Lima, M. A., & Ensslin, E. R. (2013). Fatores determinantes da mortalidade de micro e pequenas empresas da região metropolitana de Florianópolis sob a ótica do contador. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 6(2), 244-283.
- Ortigara, A. Â., Grapeggia, M., & Cândido, M. S. (2011). Causas que condicionam a mortalidade e/ou o sucesso das micro e pequenas empresas no Estado de Santa Catarina. *Revista CAP Accounting and Management*, 5(5).
- Pinheiro, R. W., Silva, W. A. C., & Araújo, E. A. T. (2013). Análise conjunta do ciclo de vida e da longevidade empresarial: um enfoque em indústria, comércio e agronegócio. *Revista de Negócios*, 18(3), 37-57.
- Rogoff, E. G., Lee, M. S., & Suh, D. C. (2004). Who done it? Attributions by entrepreneurs and experts of the factors that cause and impede small business success. *J Small Bus Manag*, 42(4).
- Sales, R. L., de Barros, A. A., & de Araújo Pereira, C. M. M. (2011). Fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios em um típico município interiorano brasileiro. *Revista da micro e pequena empresa*, 2(2), 38-55.
- Santini, S., et al. (2015). Fatores de mortalidade em micro e pequenas empresas: um estudo na região central do Rio Grande do Sul. *Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios*, 8(1), 145–169.
- SEBRAE – Serviço Brasileiro De Apoio Às Micro E Pequenas Empresas (2006). *Lei geral da Micro e Pequenas Empresas*. Brasília. Recuperado em 19 setembro de 2015, de <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/a-implementacao-da-lei-geral>
- SEBRAE – Serviço Brasileiro De Apoio Às Micro E Pequenas Empresas (2013) Participação das micro e pequenas empresas na economia brasileira. Brasília.
- Simons, R. (1999) *How risky is your company?* *Harvard Business Review*.
- Xavier, M. B., dos Santos Carvalho, F., da Silva, J. C. G., de Rezende, A. A., & Longuinhas, M. A. A. (2009). Causas gerenciais e ambientais da mortalidade de micro e pequenas empresas: um estudo com empresários de Vitória da Conquista, Bahia. *Caderno de Ciências Sociais Aplicadas*, (5/6), 61-78.